

**NARRATIVAS DA VIDA ESCOLAR DURANTE A PANDEMIA NA UNIDADE DE
ENSINO DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ DE COROA VERMELHA**

THAÍS DE OLIVEIRA DOS SANTOS

Etnia Pataxó

Orientadora:

Profa. Dra. Carolina Tamayo Osorio

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA
BELO HORIZONTE
2023**

RESUMO

Esta pesquisa finalização de curso buscou registrar as narrativas produzidas por um professor e gestores da Unidade de Ensino da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha para descrever os impactos da pandemia de COVID-19 na Educação Escolar Indígena do povo Pataxó de Coroa Vermelha. Com estes registros foi possível identificar os desafios enfrentados nesta escola indígena Pataxó no ensino remoto. Foram realizadas entrevistas com um professor e três membros da equipe de gestão escolar. Nas entrevistas focamos nos desafios enfrentados durante o ensino remoto, o uso de equipamentos tecnológicos e o processo de elaboração e entrega de atividades escolares, para conhecer os modos de funcionamento da escola e a vida num tempo em que mundo enfrentava o isolamento social. Esta pesquisa serve como registro de mais um acontecimento histórico, que impactou a educação escolar indígena do povo Pataxó, que como sempre, segue enfrentando com muita garra, lutando bravamente contra tudo o que surge com o passar do tempo. A partir das narrativas, identificamos que houve falta de infraestrutura e de suporte técnico para o desenvolvimento das atividades de ensino e gestão, isto se traduz na falta de acesso à internet e de equipamentos tecnológicos adequados para a adaptação ao ensino remoto. Também, identificou-se que a equipe docente adotou estratégias para enfrentar esses desafios, destaca-se o uso de materiais impressos e o apoio das lideranças e organizações locais.

Palavras-chave: Desafios; Ensino Remoto; Pandemia da COVID-19; Resistência; Educação Escolar Indígena

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar, a Deus. O qual tem me sustentado desde o ventre da minha mãe até os dias atuais, sem Ele nada do que eu fiz e sou faria sentido, o favor Dele foi imprescindível no decorrer da minha trajetória, pois antes de tudo, escolheu o povo ao qual eu pertenceria, a Aldeia a qual eu iria residir, quem seriam os meus familiares, a escola em que eu iria trabalhar/ fazer parte, a função que eu iria exercer (IMAKÂIÉ) a qual possibilitaria a minha contribuição, com a minha comunidade, a oportunidade que eu teria de concorrer e conseguir ingressar na faculdade intercultural indígena e no curso o qual eu sempre almejei. Ele me deu ainda as condições necessárias concernentes a construção e conclusão deste trabalho.

Quero agradecer também, a minha família, minha mãe Joilde, meu pai Renan, que sempre me deram todo suporte em tudo que se fez necessário, ao meu esposo Cleiton que sempre me incentivou, me apoiou, cuidou da nossa filha nos tempos da minha ausência e a minha filha Rebecca, razão do meu viver, o presente mais precioso que Deus me deu. Pois com o apoio de todos eles consegui chegar até a reta final do meu percurso.

Agradeço também a todas as pessoas que colaboraram na construção deste trabalho, contribuindo de forma significativa no decorrer de todo o processo. As lideranças, ao Cacique, os quais depositaram a confiança em nós estudantes e deram também todo o suporte que foi necessário do início ao fim. Ao professor e equipe de gestão da escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha os quais contribuíram significativamente durante todo o processo de pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer também as pessoas que me ajudaram na orientação desse percurso principalmente a professora Carolina Tamayo, que teve toda a paciência evidenciando assim, o amor pelo que faz (lecionar) e fazer a diferença em outras vidas. A professora Marina Tavares, professor Célio da Silveira, que contribuíram com muito amor e dedicação, com todos os conhecimentos e saberes que nos passaram, os quais levarei para sempre dentro do meu coração.

Agradeço também a todas as pessoas da minha turma, as minhas amigas-irmãs que estiveram ao meu lado em todos os momentos, sempre juntas, dando força para prosseguir em meio à saudade da família que sempre nos assolava, deixando a experiência mais leve e agradável.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa ilustrativo das Aldeias Pataxó- Extremo Sul da Bahia.	6
Figura 2: Aldeia de Coroa Vermelha.....	7
Figura 3: Mapa das localizações das Aldeias indígenas.....	8
Figura 4: Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha.....	11
Figura 5: Pavilhão 2 da escola indígena Pataxó de Coroa Vermelha.....	14
Figura 6: Thaís de Oliveira dos Santos.....	15
Figura 7: Raimunda Pataxó	21
Figura 8: Gilson de Matos	22
Figura 9: Ademário Braz	23
Figura 10: Silvani Ferreira.....	23

Sumário

CAPÍTULO 1	6
1.1. OBJETIVOS	10
1.1.1. Objetivo geral:	10
1.2. Objetivos específicos:	10
1.3. A Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha.....	11
 CAPÍTULO 2	
Minha trajetória de vida e o vínculo com o tema de pesquisa.....	15
 CAPÍTULO 3	
Desenvolvimento da pesquisa	20
3.1. Perfil dos entrevistados	21
3.1.1. Raimunda Pataxó-	21
3.1.2. Gilson de Matos Soares	21
3.1.3. Ademário Braz Ferreira- Kamassary Pataxó	22
3.1.4. Silvani Pataxó	23
3.2. Roteiro da entrevista direcionada à gestão:	24
3.3. Roteiro da entrevista direcionada aos professores:	24
 CAPÍTULO 4	
Narrativas de professores e gestores indígenas sobre a vida na escola durante a pandemia no período 2020-2022.....	26
4.1 Raimunda de Jesus Matos- Coordenadora de Língua materna (Patxohã)	26
4.2. Gilson de Matos Soares	29
4.3. Ademario Braz Ferreira-	33
4.4. Silvani Bomfim Ferreira- Vice-diretora.....	38
 CAPÍTULO 5	
Aprendizagens ao ouvir narrativas da vida na escola indígena durante a pandemia no período de 2020-2022: Fechamento	45
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

CAPÍTULO 1

Apresentação

Grande parte do povo Pataxó vive no Extremo Sul da Bahia, em 36 Aldeias distribuídas em seis Terras indígenas, situadas nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Prado e Itamarajú, que são as Aldeias de Coroa Vermelha, Barra Velha, Mata Medonha, Aldeia Velha, Águas Belas e Imbiriba. No seguinte mapa podem ser conferidas as Aldeias Pataxó- localizadas no Extremo Sul da Bahia (ver figura 1):

Figura 1: Mapa ilustrativo das Aldeias Pataxó- Extremo Sul da Bahia.



Fonte: Mapa elaborado por Karkajú Pataxó (2020).

A Aldeia Barra Velha está localizada no município de Porto Seguro e é considerada a “Aldeia Mãe”, sendo um ponto de partida para a formação de todas as demais Aldeias, tendo sua importância ressaltada e representada até mesmo através das pinturas corporais. Vale a pena ressaltar que há também Aldeias do povo Pataxó no Estado de Minas Gerais:

(...) os Pataxó vivem em sete comunidades, das quais quatro — Sede, Imbiruçu, Retirinho e Alto das Posses — estão localizadas na Terra Indígena Fazenda Guarani, município de Carmésia; MuãMimatxí, em um imóvel cedido à Funai pelo Serviço de Patrimônio da União, no município de Itapeçerica; Jundiba/Cinta Vermelha, no município de Araçuaí e também habitada pelos Pankararu; e JeruTukumã, em Açucena”¹

A comunidade indígena da Aldeia de Coroa Vermelha está localizada no Município de Santa Cruz Cabrália, entre os Municípios de Porto Seguro e Belmonte, ficando entre a praia e a pista da BR 367 KM 77. Contando com uma parte de mata acerca de seis quilômetros a oeste da Aldeia, onde alguns habitantes desenvolvem a agricultura familiar (Ver figura 2 e 3).

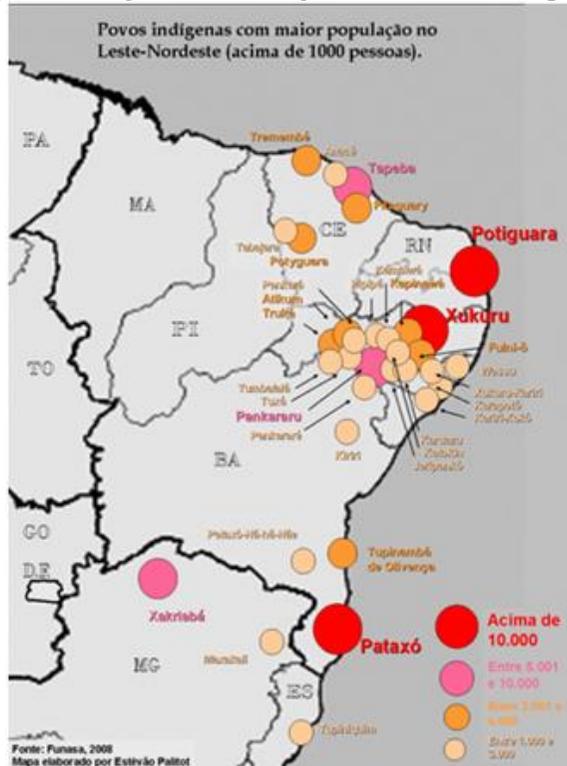
¹ Informação disponível em:
<https://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Patax%C3%B3>

Figura 2: Aldeia de Coroa Vermelha



Fonte: Site Coroa Vermelha.

Figura 3: Mapa das localizações das Aldeias indígenas



Fonte: Site Wekiversidade

A Aldeia de Coroa Vermelha surgiu em 1972, tendo como principal atividade a comercialização de artesanatos indígenas como meio de sobrevivência, sendo conhecida como ponto turístico e recebe turistas de todas as partes do mundo. Além do mais, nossa Aldeia é considerada como um local historicamente famoso, já que foi o local onde foi realizada a primeira missa pelos portugueses em

1500 e um dos primeiros lugares a serem invadidos pelos europeus. Em meio ao processo de urbanização, a Aldeia de Coroa Vermelha segue resistindo e lutando para a garantia dos direitos, mantendo viva a cultura e praticando as tradições do seu povo, mantendo a essência, valorizando e respeitando os anciãos, chamados de “livros abertos”.

É conhecida também por sediar os jogos tradicionais indígenas que ocorrem todos os anos na comunidade, recebendo indígenas de diferentes povos e lugares, a fim de confraternizar e reverberar a união entre todos os povos indígenas, que mesmo tendo suas moradias distantes, são considerados como nossos parentes, promovendo o sentimento de unir, reunir e confraternizar.

Achegada da pandemia de COVID-19, no ano de 2020, trouxe uma série de desafios para diversos setores da sociedade, incluindo a educação escolar indígena e para a vida na minha aldeia. No contexto da educação escolar indígena, esses desafios foram ainda mais intensos, uma vez que envolvem a preservação da cultura e da língua dos povos indígenas. Silvani Pataxó umas das entrevistadas afirmou o seguinte:

Essa nova dificuldade que hoje se apresenta, nos deixa mais fortes e unidos para que possamos continuar a lutarmos por uma educação de qualidade e aprimorada para os nossos educandos. Assim como a Educação indígena não estava acostumada com esse isolamento social, uma vez que sua prática é através de conversas, passeios, vivências e troca de saberes/fazeres tradicionais no espaço de convívio. Houve a necessidade de reinventar as nossas práticas na comunidade, assim a execução da educação indígena tornou-se uma metodologia ativa na aquisição de conhecimentos culturais e sociais. (2023)

Não ficando imunes as políticas emergenciais do momento, as escolas indígenas fecharam e fomos obrigados a reorganizar os modos de funcionamento para nos adaptar ao ensino remoto e continuarmos oferecendo educação de qualidade aos alunos. Em um contexto de limitações tecnológicas e de acesso à internet precário, a falta de infraestrutura tecnológica e de conectividade, foram alguns dos principais obstáculos no contexto do ensino remoto, enfrentados pelas escolas indígenas.

Salienta-se que, a população indígena não foi atendida por uma política específica de enfrentamento a COVID-19 por parte do Governo Federal. De acordo com segundo a Articulação dos Povos

Indígenas do Brasil – APIB (2022) até o momento, foram contabilizadas mais de 1.324 mortes em decorrência do COVID-19, Vale a pena notar que antes mesmo da pandemia não havia, por parte do Governo Federal, do mesmo modo dos governos estaduais e municipais, políticas educacionais comprometidas com a democratização do acesso e uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação nas instituições indígenas, assim como o fomento ao uso dessas tecnologias especificamente no processo de ensino aprendizagem.

Diante desses desafios, que já acometia os docentes, os gestores(as) e as/os estudantes das escolas indígenas, inclusive da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, onde propomos o desenvolvimento desta pesquisa, todos continuaram e continuam trabalhando e lutando pela melhoria dessas condições, convictos(as) da educação escolar indígena possuir um papel de importante na preservação da diversidade cultural e na construção e fortalecimento da identidades étnicas Pataxó. No entanto, a pandemia da COVID-19 trouxe uma série de desafios para a educação, com uma grande necessidade de adaptação ao ensino remoto que exigiu uma reorganização significativa do processo educacional.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo registrar as narrativas produzidas por professores(as) e gestores(as) da Unidade de Ensino da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha buscando analisar e descrever os impactos da pandemia de COVID-19 na educação escolar indígena. Com estes registros será possível identificar os desafios enfrentados nesta escola indígena Pataxó no ensino remoto. Para isto, nos propusemos a realizar uma entrevista com um professor e três entrevistas com a equipe de gestão escolar. Nas entrevistas focamos nos desafios enfrentados durante o ensino remoto, o uso de equipamentos tecnológicos e o processo de elaboração e entrega de atividades escolares como pontos específicos para conhecer os modos de funcionamento da escola e a vida num tempo em que mundo enfrentava o isolamento social.

Entendemos que esta pesquisa serve como registro de mais um acontecimento histórico, que impactou a educação escolar indígena do povo Pataxó, que como sempre, segue enfrentando com muita garra, lutando bravamente contra tudo o que surge com o passar do tempo. Assim, este registro permitirá uma compreensão mais ampla dos impactos da pandemia de COVID-19 na educação escolar indígena e poderá contribuir para o aprimoramento de

políticas e práticas educacionais voltadas para as populações indígenas.

1.1. OBJETIVOS

1.1.1. Objetivo geral:

Narrar às experiências da vida escolar durante o ensino remoto da pandemia provocada pela COVID 19 de um professor e três pessoas da equipe de gestão da Unidade de Ensino da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha.

1.2. Objetivos específicos:

- Descrever as mudanças no funcionamento da unidade de ensino sede e nas extensões devido à pandemia de COVID-19;
- Compreender como o uso de equipamentos tecnológicos contribuíram no processo de ensino remoto;
- Identificar os principais desafios enfrentados na elaboração e entrega de atividades (roteiros) para os alunos durante o ensino remoto;
- Analisar como se deu o acesso à internet e aos equipamentos tecnológicos durante o processo de ensino remoto.

1.3. A Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha

A Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha está localizada no extremo Sul da Bahia, na BR 367 KM 77 na Aldeia de Coroa Vermelha (Ver figura 4).

Figura 4: Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha.



Fonte: Arquivo pessoal.

O Colégio Estadual Indígena Pataxó Coroa Vermelha está localizado ao lado da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha (Ver figura 5), na BR 367, pois a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha cedeu parte do terreno para a construção do Colégio, sendo o Colégio fruto de luta de projetos elaborados por lideranças e pessoas que trabalhavam na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha em prol da criação do Colégio.

Figura 5: Colégio Estadual Indígena Pataxó de Coroa Vermelha.



Fonte: Arquivo pessoal.

Estas instituições possuem um papel fundamental na preservação da cultura e na formação de futuras lideranças. Nelas se atendem alunos da educação infantil até os estudantes do nono ano do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos, EJA. O corpo docente e gestores(as) destas duas instituições escolares indígenas são protagonistas de diversas lutas pela permanência da identidade cultural Pataxó nas novas gerações, assim como, estão comprometidos pela busca da garantia de sobrevivência da comunidade em que vivem, da assistência à saúde, das demarcações territoriais, enfim, indivíduos cientes dos seus direitos e deveres para com a sua comunidade, pois “a educação escolar é o meio mais seguro e efetivo de manter a continuidade da cultura e do conhecimento acumulado pela sociedade” (CASTRO, 2019, p. 48).

O Colégio foi almejado, quando os alunos que concluíam o fundamental II, na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, viam a necessidade de darem sequência aos estudos, porém não havia ainda estrutura tanto de prédio físico, quanto até mesmo de questões como a merenda escolar, dentre outros materiais necessários. Então surgiu a oportunidade mediante a muita luta das lideranças e de professores, de estudarem como tipo de extensão, no Colégio Frei Henrique de Coimbra.

Considerado como colégio provisório, foram cedidas algumas salas, porém o ensino era oferecido, por professores não indígenas, que não possuíam uma educação diferenciada valorizando às questões indígenas. Foi em 2010 que se deu o ato de criação do Colégio, porém os alunos tiveram que passar a estudar em salas da Escola indígena Pataxó de Coroa Vermelha, pois o prédio físico do Colégio ainda não estava pronto.

Então anos depois os alunos entraram na unidade escolar do Colégio Estadual Indígena Pataxó Coroa Vermelha, que deixou de ser extensão e passando a possuir um prédio próprio, antes mesmo da Unidade ser oficialmente inaugurada, devido a problemas com a falta de pagamento no processo de construção.

Até os dias de hoje, a Unidade escolar ainda não foi inaugurada, sendo gerida pelo diretor Railson Braz, que faz um papel diferenciado e comprometido com as questões indígenas, juntamente com sua equipe, sendo a Unidade escolar reconhecida e ganhadora de diversos prêmios por se destacar, inclusive um deles foi dado pela ONU. Atualmente, a escola possui 580 alunos, sendo que 470 alunos estudam na sede, possui também 5 anexos, são eles: Juerana, Mata Medonha, Guaxuma, Mirapé e Meio da Mata.

É importante mencionar que a educação escolar indígena é um tema de grande relevância para a valorização da cultura e identidade das populações indígenas. Segundo a pesquisadora Maria José Ferreira Ruiz (2010, p. 42), a educação escolar indígena deve ser entendida como um processo que "visa à formação integral dos estudantes, respeitando sua cultura, língua, história e tradições, e promovendo a construção de uma identidade étnica positiva e afirmativa"

No Brasil, a educação escolar indígena é regulamentada pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996. A Constituição Federal, em seu artigo 210, estabelece que "serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais". Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação ou Lei nº 9.394/1996 em seu artigo 78, determina que "os sistemas de ensino promoverão a valorização das diferentes manifestações culturais e a necessidade de ensinar o respeito aos valores culturais e artísticos".

Apesar das legislações existentes, a educação escolar indígena ainda enfrentam diversos desafios, "os principais desafios da educação escolar indígena são a falta de infraestrutura adequada,

a distância geográfica, a falta de formação adequada de professores, a falta de materiais didáticos adequados e a necessidade de incorporar saberes tradicionais". (SILVA, 2009, p. 48).

Diante disto, vemos como importante registrar as vivências da escola indígena durante a pandemia provocada pela COVID 19, pois possibilita demarcar novas demandas e legitimar propostas já existentes, que são defendidas pelos povos indígenas: uma escola intercultural e diferenciada para a valorização da cultura e identidade indígena na educação escolar. Assim, não existe apenas uma forma de ensinar e aprender. A compreensão da especificidade da escola indígena dentro do contexto da aldeia é fundamental"

Assim, a Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha busca a formação integral dos estudantes, lutando por uma educação que incorpore saberes e práticas tradicionais, visando à formação integral dos estudantes, promovendo também a participação das comunidades na construção do processo educacional, respeitando e valorizando a cultura, língua, história e tradições do povo Pataxó, promovendo assim, a construção de uma identidade étnica.

Figura 6: Pavilhão 2 da escola indígena Pataxó de Coroa Vermelha.



Fonte: Brenda Bonfim .

CAPÍTULO 2

Minha trajetória de vida e o vínculo com o tema de pesquisa

Figura 7:Thaís de Oliveira dos Santos.



Fonte: arquivo pessoal.

Meu nome é Thaís de Oliveira dos Santos, nasci no dia 30 de julho de 1996, moro na Aldeia de Coroa Vermelha há 26 anos, que está localizada no município de Santa Cruz Cabrália- BA, BR 367,

quilômetro 77. Sou filha de Joilde Sampaio de Oliveira e Renan Conceição de Oliveira, tenho um irmão chamado Roque de Oliveira Neto. Sou casada com Cleiton Ferreira dos Santos e tenho uma filha chamada Rebecca Oliveira dos Santos.

A minha história de vida começou fora da Aldeia, minha mãe é indígena e viajou ainda jovem, com destino a São Paulo, pois precisava ajudar meus avós nos sustentos da família. Naquela época, meus avós passavam por uma crise financeira muito grande, eles tinham muitos filhos e nesse tempo houve muita dificuldade até mesmo para encontrarem emprego, por esse motivo, minha mãe decidiu ajudá-los saindo para vender peças de artesanatos e trabalhou até mesmo em casas de famílias para poder mandar o dinheiro para meus avós.

Não tão distante dali de São Paulo, meu pai que não é indígena, morava no Rio de Janeiro, como ele almejava buscar cursos profissionalizantes e oportunidades melhores de emprego, resolveu ir para São Paulo a convite de um amigo que prometeu um emprego a ele em um restaurante, lá ele fez muitos cursos

profissionalizantes gastronômicos, até que conseguiu emprego em um hotel muito famoso cinco estrelas, como chefe de cozinha, na área de bufê de festas.

Um belo dia meus pais foram em uma festa onde a amiga da minha mãe apresentou meu pai a ela e foi amor à primeira vista, eles conversaram e foram se conhecendo, mas meus avós já tinham planos de que minha mãe retornasse para casa, então meu pai decidiu pedir minha mãe em casamento e meus avós concordaram com a união, porém meu pai tinha uma casa que o pai dele havia dado a ele no Rio de Janeiro e eles tiveram que ir morar lá. Quando eles completaram um ano de residência naquele local, minha mãe descobriu que estava grávida e a saudade da minha avó começou a apertar.

Minha mãe não conseguiu se adaptar lá, ficou muito triste por estar longe, mas precisava passar aquele tempo, então eu nasci em Duque de Caxias- RJ, e quando eu tinha um ano de idade, ao ver a tristeza da minha mãe, meu pai decidiu largar tudo lá e nos trouxe para morar na casa dos meus avós de favor, por um tempo, e depois de um tempo conseguiram comprar um terreno perto da minha avó, então na primeira oportunidade construíram uma casa feita com

tábuas, me recordo que víamos entre as frestas, as pessoas que passavam na rua.

Eu estudei a maior parte dos anos da minha vida em escolas não indígenas, pois era mais fácil para minha mãe me levar para as escolas em que ela trabalhava vendendo salgados. Cheguei a estudar no primeiro ano do ensino médio, na escola Municipal Frei Henrique de Coimbra, pois ela servia de extensão da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha devido à mesma não possuir na época salas de ensino médio, só ia até o fundamental II. Até que durante os dois anos seguintes, pude ter o privilégio de estudar no período noturno na sede da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Com o tempo meus pais trabalharam muito e foram melhorando as condições, meu pai ensinou minha mãe a fazer salgados fritos e ela todos os dias fazia e saía de baixo de sol ou chuva vendendo com a bicicleta durante muitos anos, até ela começar a entregar em pontos de vendas como padarias e lanchonetes. Eles moravam na rua Beira Rio, até que ocorreu uma enchente aonde a água chegou até o telhado de nossa casa, perdemos tudo menos a vida e a fé em Deus de que tudo nos seria restituído.

Por causa disso nos mudamos para um local mais alto do que a rua Beira Rio na Aldeia, a rua Navegantes, onde residimos até os

dias de hoje. Pouco tempo depois da mudança eu conheci meu esposo, fomos nos conhecendo, namoramos, noivamos, nos casamos em 2013 na igreja, no civil e no casamento cultural. Antes do meu casamento cultural eu não possuía um nome indígena, pois na época em que nasci não podia colocar, principalmente por ser cidade grande, então minha mãe não o fez. Então poucos dias antes do meu casamento cultural, meu sogro Kapimbará pataxó me nomeou Simirã.

Meu sogro é muito conhecido na Aldeia e fora dela, já participou de vários documentários, faz trabalhos em benefício da comunidade, como reflorestamento, cuida de viveiros de plantas e sempre que pode sai plantando as mudas pela Aldeia, ele também trabalha no comércio indígena vendendo artesanatos. Quando perguntei o motivo do nome que ele escolheu para mim, ele me respondeu demonstrando sua sabedoria, dizendo que me via assim, a formiga apesar de pequena, ela é guerreira, suportando cargas muitas vezes mais que seu próprio peso, é determinada e pode caminhar muito.

O nome indígena geralmente é dado por outra pessoa, visto que seu significado vai muito além de um nome comum, diz respeito à personalidade da pessoa ou até mesmo é levado em conta as

situações vivenciadas por elas. Então um ancião ou um familiar geralmente é quem dá o nome. Por esse motivo o meu nome indígena possui um significado muito especial para mim.

Sempre participei dos movimentos de lutas, reivindicações, jogos, festejos, porém houve uma época em minha vida que precisei trabalhar em uma escola não indígena, e não foi fácil, não poder sair nos momentos em que surgiam os movimentos, pois as escolas não indígenas não entendem nossa luta, não existe empatia com relação a isso, se eu faltasse o trabalho, eu receberia advertências e seria posteriormente dispensada, por isso suportei esse tempo, me sentindo como um peixe do mar vivendo em um pequeno lago, apesar das boas experiências educacionais que tive ali, ali não era o meu lugar.

Em 2014 ingressei no curso de licenciatura em Pedagogia e coleei grau em 2018. Também em 2018, tive minha filha Rebecca, a qual sempre procuro incentivar quanto à prática da cultura, pois ela precisa viver a cultura a qual ela pertence, estudando atualmente na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha. Em 2019 iniciei os estudos na UFMG, no curso de licenciatura intercultural indígena do FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), habilitação em Ciências da Vida e da Natureza. Em 2020 iniciei os

estudos de duas pós-graduações semipresenciais, uma em psicopedagogia e a outra de Educação Infantil e concluí em 2022.

Ter ingressado na UFMG, foi uma experiência extraordinária, ir ao primeiro módulo e descobrir o quão amplo e fascinante é o conhecimento. A interculturalidade também me possibilitou conhecer pessoas das mais diversas etnias e aprender um pouco com elas, traçar experiências, contando professores que pareciam terem sido escolhidos “à dedo”, de tão comprometidos que se mostraram com as nossas questões. Infelizmente, antes que fossemos ao segundo módulo, a pandemia “explodiu”, impossibilitando de darmos sequência aos nossos estudos.

Todavia, com muito empenho e preocupação, a Universidade juntamente com os coordenadores e professores, organizaram o ensino na modalidade à distância, online, através de Google classroom, Google Meet e grupos de whatsapp, a fim de que nós não fossemos prejudicados e não nos fosse negado o conhecimento. Esse período foi de grande importância, apesar de alguns empecilhos que encontramos relacionados com conexão com internet, falta de energia, dentre outros.

Conciliar a vida no território com as reuniões online, não foi fácil, eram muitas demandas a serem atendidas, chegando até mesmo

um momento em que eu e outras colegas pensamos que não íamos dar conta de gerenciar tudo, mas com a ajuda de Deus vencemos todos os obstáculos, contando também com muito incentivo e empenho por parte dos professores nos fazendo acreditar que conseguimos. Essa experiência é algo que tenho certeza de que ficará registrado para sempre em nossos corações, pois chega o momento de sairmos do FIEI, mas o FIEI não sai de nós.

Em 2021 tive a oportunidade de fazer o processo seletivo para poder lecionar na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha e passei, era o maior desejo do meu coração, pois era o lugar o qual eu pertencia, porém nesse primeiro ano, me deparei com o cenário pandêmico e seus desafios, aprendendo muito com os demais colegas de trabalho durante o ensino remoto, não omitindo seus conhecimentos tradicionais, sempre com muita humildade para ensinar quem chega depois, os caminhos que levam a uma educação escolar indígena de qualidade e que contemplem as especificidades da cultura Pataxó.

Foi um ano de muita superação, contudo, pude notar o nível de trabalho em equipe da equipe de gestão que fizeram um trabalho incrível buscando suprir as necessidades que se apresentavam de diversas formas e da equipe docente que deram um show de garra

em meio a tantas adversidades que se apresentaram no decorrer desse processo, evidenciando a união pela qual o povo Pataxó sempre prezou, então decidi buscar uma forma de fazer algo que pudesse levar ao conhecimento de outras pessoas essas experiências vividas por mim e por meus colegas docentes.

Por esse motivo, eu não poderia pensar em outro tema e deixar de relatar esse acontecimento tão marcante na minha vida e na educação escolar indígena da comunidade em que vivo. Atualmente, sigo atuando como professora na escola, lecionando no fundamental I, com a turma do 5º ano e no fundamental II do 6º ao 9º ano, com a disciplina de geografia e Língua materna no 9º ano A.

CAPÍTULO 3

Desenvolvimento da pesquisa

Para realizar esta pesquisa me propus abordar as narrativas de dois professores e quatro gestores(as) indígenas da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha para criar um processo de reconstrução do passado que reascende no atual processo de reafirmação étnica, ao registrar as memórias da vida escolar na pandemia provocada pela COVID 19.

A narrativização, ou seja, o ato de “contar histórias faz parte da própria experiência humana” (FLANNERY, 2011, p. 118). As narrativas desempenham funções pragmáticas: “O nosso viver é interpretado, discutido e compartilhado através de histórias que contamos para ilustrar, exemplificar, argumentar e divertir” [...] (FLANNERY, 2011, p. 112-113). Na esteira desse pensamento, Bruner (2002 apud MEDRADO, 2008) considera que a narrativa é a ferramenta que o ser humano usa para construir e expressar como compreende suas experiências. Ela é usada para construir significados e esquematizar as experiências humanas. Concebo a narrativa como o ato de contar histórias, organizar e relatar experiências, portanto, é uma prática social, uma prática discursiva. (PAIVA, 2013, p. 30)

Então, registrar narrativas mediante entrevistas nos permitiu compreender as experiências vividas e com elas aprendemos para nosso presente e futuro, assim como demarcamos reivindicações e necessidades emergentes para a escola indígena. Elaboramos uma coletânea de narrativas de um professor e três pessoas da equipe de gestão da escola, que atuaram no período pandêmico e atuam na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, que relataram, de acordo com a própria visão, todo o acontecimento e desdobramento das situações que se apresentaram ao longo do período pandêmico.

As narrativas foram coletadas através de áudios com a autorização dos entrevistados, onde eles contaram qual o sentimento deles com a chegada de um acontecimento tão inesperado que foi a pandemia COVID-19. Foram também, registradas fotografias da Escola, para a melhor compreensão/experiência do leitor do presente trabalho.

Foi desenvolvida uma revisão de literatura mediante uma busca sistemática nas bases de dados eletrônicas, como o Google, utilizando palavras-chave relacionadas ao tema do trabalho, como: "educação escolar indígena", "ensino remoto no contexto indígena”

"povos indígenas". Eu li vários artigos de forma crítica, buscando identificar as principais contribuições para o tema em questão, de modo a identificar os principais desafios enfrentados pela educação escolar indígena durante o ensino remoto, as estratégias utilizadas para a adaptação ao ensino remoto e os impactos na educação escolar indígena.

3.1. Perfil dos entrevistados

3.1.1. Raimunda Pataxó- Hayô Pataxó

Raimunda de Jesus Matos, 51 anos, residente a aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha- Santa Cruz Cabrália Bahia. Mestre em Relações Étnicas Raciais, uma das primeiras Professoras Pataxó, a primeira diretora da escola Indígena Pataxó Coroa no ano de 1999. Atuou por 10 anos como coordenadora de Educação Escolar Indígena no Município de Santa Cruz Cabrália. Atualmente é coordenadora da língua Pataxó (patxohã) na escola indígena e coordenadora adjunta da Ação Saberes Indígenas na Escola- IFBA Porto Seguro (formação continuada para professores e professoras indígenas da Bahia).

Figura 8: Raimunda Pataxó



Fonte: Raimunda Pataxó

3.1.2. Gilson de Matos Soares

Gilson de Matos Soares, 47 anos, residente na aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha- Santa Cruz Cabrália Bahia. Formação: Magistério Indígena e Licenciatura Intercultural em

Educação Escolar Indígena - LICEEI. No ano de 2016 atuou como Diretor escolar nessa mesma unidade de ensino e atua como professor a 21 anos na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, até os dias de hoje.

Figura 9: Gilson de Matos



Fonte: Gilson de Matos 2023.

3.1.3. Ademário Braz Ferreira- Kamassary Pataxó

Ademário Braz Ferreira, 48 anos, residente na Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha- Santa Cruz Cabralia, Bahia. Licenciado em Ciência da Vida e Natureza- CVN (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) - FIEI-UFMG/MG, Licenciado em Pedagogia - ULBRA (Universidade Luterana do Brasil), Especialização em História e geografia, Gestão Escolar (Administração, Orientação e Inspeção), Coordenação e Planejamento.

Um dos primeiros professores a substituir a Professora Raimunda Pataxó que, entrou de licença maternidade na antiga escola, a primeira diretora da escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, no ano de 1999. Atuou por 04 anos como secretário escolar na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, Coordenador Indígena por 05 anos na DIREC (Diretoria Regional de Educação) atualmente o nome foi mudado pra NTE - 27 (Núcleo Regional de Educação da Costa do Descobrimento), Coordenador Indígena na Linter/IFBA- Porto Seguro (Licenciatura Intercultural Indígena).

Foi Diretor Escolar de 2005 a 2009, na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, atualmente é Diretor Escolar da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha assumindo em 2020 com final de

gestão até final de 2024. Membro da Coordenação da equipe de pesquisa do Atxôhã - Língua Pataxó (patxôhã).

Figura 10: Ademário Braz



Fonte: Ademário Braz.

3.1.4. Silvani Pataxó

Silvani Bomfim Ferreira tem 42 anos, mora na Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha- Santa Cruz Cabrália- Bahia. Professora indígena, atuou como coordenadora pedagógica na

escola, graduada pela Universidade de Minas Gerais- UFMG, FIEI (Formação para Educadores Indígenas), em Línguas, artes e literatura, segunda formação em Pedagogia e pós-graduada em Políticas Públicas em Educação, alfabetização e letramento, Psicopedagogia e Ensino Lúdico. Atualmente é vice-diretora da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Figura 11: Silvani Ferreira.



Fonte: Silvani Bomfim.

3.2. Roteiro da entrevista direcionada à gestão

- Como foi a notícia da chegada da pandemia e posteriormente o início do ensino remoto?
- Quais foram as estratégias utilizadas para fazer com que essa modalidade de ensino desse certo?
- O PPP da escola contempla as especificidades da educação escolar indígena? A partir de que ano ele passou a contemplar?
- De que forma foi utilizado o currículo escolar durante a pandemia? Houve alterações/ adaptações no mesmo com a chegada da pandemia?
- Como se deu o processo de aprovação desses roteiros nesse processo?
- Como se deu a entrega dos roteiros? De quanto em quanto tempo? E qual o motivo de ocorrer nesses períodos?
- De que forma eram realizadas as devolutivas?
- Qual era a disponibilidade dos materiais necessários durante o ensino remoto?
- Como foi o processo de implementação do sistema SGE?

- Havia equipamentos tecnológicos suficientes para que todo o corpo docente pudesse ter acesso ao preenchimento desse sistema?
- Houve algum momento em que a escola junto com a comunidade e lideranças tiveram que tomar decisões importantes com relação ao funcionamento da unidade escolar?
- Quais foram os pontos negativos de modo geral que você percebeu ao longo desse período?
- Quais foram as experiências positivas de modo geral que você percebeu ao longo desse período?

3.3. Roteiro da entrevista direcionada aos professores

- Como se deu o processo de elaboração dos roteiros?
- Como eram feitos os planejamentos das atividades?
- Quais os tipos de situações didáticas foram possíveis de serem feitas que impactaram positivamente os alunos e suas respectivas famílias?
- Como era método avaliativo?
- Quais foram as estratégias utilizadas para fazer com que essa modalidade de ensino desse certo?

- Como eram realizados os registros de notas e entrega dos roteiros?
- Como foi o processo de implementação do sistema SGE?
- Quais foram os pontos negativos de modo geral que você percebeu ao longo desse período?
- Quais foram as experiências positivas de modo geral que você percebeu ao longo desse período?

Estas entrevistas foram desenvolvidas das seguintes maneiras:

A priori, foi feito um plano de ação junto com minha orientadora, onde definimos questões como: o convite aos entrevistados, instrumentos que seriam utilizados para a realização das entrevistas, o roteiro de entrevistas, dentre outras coisas. Depois, convidei meus entrevistados para essa empreitada, perguntei a forma em que eles se sentiriam mais confortáveis para registrar os relatos e enviei através do WhatsApp os roteiros com as perguntas relacionadas ao tema do meu trabalho.

Porém, conversei com meus entrevistados para que registrassem as narrativas sem se prender às perguntas encontradas no roteiro, para que relatassem com autonomia e espontaneidade, servindo o roteiro apenas como uma base ou referência, pois eles

narrariam o que acharam mais relevante para eles durante o período pandêmico, de estarem relatando.

Então, foram coletadas as entrevistas através de áudios enviados pelos entrevistados com a autorização dos mesmos, onde contaram qual o sentimento deles com a chegada de um acontecimento tão inesperado que foi a pandemia COVID-19, no contexto escolar indígena. Algumas entrevistas também foram enviadas a mim no formato de Word, pois foi da preferência do entrevistado.

Foram também, registradas fotografias da Escola, para a melhor compreensão /experiência do leitor do presente trabalho. Consegui além dos registros formais, muita informação através de conversas informais, fazendo assim também, anotações no meu caderno.

CAPÍTULO 4

Narrativas de professores e gestores indígenas sobre a vida na escola durante a pandemia no período 2020-2022

A seguir veremos as entrevistas que foram realizadas com um professor e três equipe de gestão. Para que desse certo a realização das entrevistas que se encontram nesse percurso, contei com a ajuda de pessoas que atuam há muitos anos na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, os quais lutaram e lutam por uma educação escolar indígena de qualidade, com muita garra e comprometimento. Irei destacar abaixo os colaboradores que foram as fontes da minha pesquisa.

4.1 Raimunda de Jesus Matos- Coordenadora de Língua materna (Patxohã)

Receber a notícia que estávamos vivendo o mundo pandêmico, não foi fácil. O medo tomou conta e a preocupação aumentava a cada dia. Principalmente após a Organização Mundial de Saúde afirmar que o mundo enfrenta uma pandemia causada pelo novo Corona vírus, o COVID-19, autoridades de vários países começam a executar medidas que visavam à contenção da doença no Brasil e no mundo. E em nosso Município não foi diferente, houve suspensão temporária das atividades escolares presenciais a qual foi uma tentativa de minimizar a propagação da epidemia do corona vírus e reduzir o risco de contágio e propagação do vírus

entre professores e alunos. E esse período de suspensão das aulas presenciais, durou mais ou menos um ano. E, para nós da Escola Indígena foi muito difícil porque o município, com a suspensão das aulas, todos os funcionários e professores Indígenas foram exonerados. Mas, para ajudar os colegas que não teria outra fonte de renda, começamos a buscar parceiros para ajudar os nossos colegas nesse período de grandes dificuldades. Conseguimos parceiros que ajudavam financeiramente os professores e funcionários, além das ajudas de cestas básicas advinda da FUNAI e outros parceiros que ajudavam nesse período. E no ano seguinte,

em 2020, a Secretaria de Educação de Santa Cruz Cabralia adotou o processo de realização do ensino remoto inclusive em nossas escolas Indígenas.

Para que essa modalidade de ensino nova, e muita estranha, desse certo, tivemos que contar com o apoio, parceria e o comprometimento de toda a comunidade escolar, bem como dos caciques e das lideranças. A nossa escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, adotou uma nova organização pedagógica para assegurar que todos os estudantes indígenas recebessem as atividades remotas em suas casas. Seguindo as medidas de proteção contra o Corona Vírus, a escola fazia escalas de planejamentos por seguimentos e etapas para que os professores e professoras planejassem as atividades remotas, as quais teriam que ser impressas para contemplar as reais necessidades social cultural dos nossos estudantes indígenas, porque em muitas das nossas aldeias não há acesso á internet e nem tecnologias. As atividades teriam que ficar de quarentena, seguindo o protocolo de segurança e logo depois os pais, mães e responsáveis, viriam até a escola para pegar o envelope com as apostilhas das atividades referentes 15 dias letivos, das respectivas séries ou disciplinas dos seus filhos e filhas, bem como devolver as atividades já realizadas/executadas

pelos estudantes. Tivemos inúmeros desafios na realização do ensino remoto, mas também muitos aprendizados. E dessa forma, a escola manteve sempre conectada com os estudantes e as famílias durante o ensino remoto e desenvolvendo a nossa educação escolar Indígena.

A elaboração do Projeto Político Pedagógico- PPP da escola Indígena teve início por uma ação conjunta entre escola, pais, alunos lideranças e comunidades a partir do desejo dos professores e professoras Indígenas da primeira turma do magistério Indígena no ano de 1998, com os princípios de uma Educação Escolar Indígena, Específica, Diferenciada, Bilingue/multilingue, Intercultural, Comunitária. E logo depois a efetivação da sua construção se deu com o projeto de pesquisa do Professor Jerry Matalawê, da Universidade de Mato Grosso- UNEMAT. E cada ano o PPP é revisado, repensado sempre respeitando as reais necessidades culturais do nosso Povo.

Durante o período remoto, ficou muito difícil seguir o currículo da escola. Tivemos que fazer adaptações para contemplar a realidade pandêmica. Não tínhamos professores e estudantes corpo a corpo em sala de sala presencialmente para cumprir rigorosamente a proposta curricular de cada serie ou disciplina. As

atividades programadas e planejadas eram pensadas para cada estudante com sua individualidade cognitiva, inclusive para os estudantes da educação especial da escola.

Quanto ao Sistema de Gestão Escolar (SGE), foi implantado no Município e a escola Indígena, penso eu, que foi obrigada a acompanhar/aceitar o sistema. Ao meu ver, é um sistema que tem pontos positivos e negativos. Positivos porque é um sistema informatizado onde se encontra dados gerenciais de alunos, planejamento de bimestres, bem como, de aulas quinzenais. Ou seja, um sistema bem estruturado. Mas, ainda não contempla as reais necessidades culturais do nosso Povo. Ou seja, é necessário grandes mudanças e adaptações para contemplar a Educação Escolar Indígena do nosso Município.

Raimunda Matos destacou o desespero que foi vivenciado com a notícia da chegada da pandemia, tanto da Unidade escolar, quanto pela comunidade em si, pois ambas caminham juntas em um só pensamento, a escola trabalha segundo o andamento da comunidade, ou seja, tudo que acontece na comunidade, a escola aborda em seu processo educacional. Não foi fácil, mas a essência de união encontrada nas comunidades indígenas faz com que o mecanismo de resistência seja ativado, pois o povo pataxó tem a característica de ser um povo de luta e a comunidade unida se torna mais forte.

Em uma situação completamente inusitada, com a suspensão das aulas presenciais e com o retorno no modo remoto, a escola teve que trabalhar as questões socioemocionais com esses alunos, na tentativa de intervir nesse cenário de reclusão, proporcionando atividades lúdicas, onde o aluno pudesse interagir com a família e ter um momento de felicidade, recebendo em contra partida um feed back das famílias agradecidas por sentir o carinho e preocupação da escola com seu bem estar, visto que nos roteiros das atividades sempre haviam mensagens motivacionais.

Foram muitos os esforços da Unidade escolar para tentar também amenizar os impactos negativos na parte psicológica dos membros da comunidade, isso acontecia devido à Escola estar ciente de que a situação na comunidade era muito triste, mediante à perda de parentes para essa doença chamada de corona vírus e devido a educação escolar indígena ser diferenciada e comunitária. Podendo contar também com o apoio das lideranças, e de parceiros que sempre souberam valorizar a escola como algo fundamental para o desenvolvimento da comunidade, não deixando de estar presente durante esse momento tão difícil.

4.2. Gilson de Matos Soares

Eu sou Gilson de Matos Soares sou professor da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (Professor de matemática do fundamental II) e relacionado ao momento pandêmico, nossa comunidade, enquanto professor na escola indígena, nós tivemos foi um desafio, de atuar nesse momento da pandemia né?! Assim como foi em todo o Brasil, nas comunidades indígenas não foi diferente, foi um momento que a comunidade nunca tinha passado o mundo não tinha passado na verdade né?! nós tivemos que nos adaptar para que pudesse termos as aulas e um dos desafios principais foi o planejamento.

Pensamos, de que maneira a gente ira planejar as aulas né?! uma vez que não estaria com os alunos presentes , como trabalhar de forma remota? e tivemos que fazer logo de início, o planejamento coletivo né?! com os professores, escolhendo um tema e daí desenvolver as atividades com todas as disciplinas, de forma interdisciplinar e de maneira que os alunos pudessem entender, porque não tinha a presença do professor para explicar individualmente.

Então num primeiro momento, tivemos que fazer essas

atividades coletivas, de modo interdisciplinar, só que depois também não deu muito certo, aí acabamos fazendo por disciplina, reuniam os professores de cada disciplina e elaboravam a atividade a qual aqueles alunos iriam responder, então elaborávamos atividades de matemática, de português, de todas as disciplinas. Os professores de cada disciplina, juntos, elaboravam uma atividade e enviavam para o aluno e aí após as 2 semanas eles retornariam com essas atividades e a gente fazia a correção e ele já levaria uma outra atividade para mais uma quinzena e assim fomos fazendo durante a pandemia.

Como eu te disse no início foram vários desafios né?! primeiro com relação ao entendimento né?! e uma vez que os alunos não tinha o contato com o professor e a gente não tinha também, como fazer um acompanhamento por celular por exemplo? porque os alunos, nem só os alunos, mas também a escola, não oferecia esse mecanismo né?! de celular , até que quanto a aparelho de celular não seria tanta dificuldade né?! porque a maioria hoje tem um aparelho celular, mas aí depende da internet pra que a gente possa fazer isso né?!

Pois cada aluno que trazia essas atividades, as vezes os pais traziam e a gente ia corrigir essa atividade da semana ou da quinzena, mas as vezes as questões estavam todas respondidas né?! e outras não, dependendo daquela família na qual aquele aluno era membro né?! se fosse uma família que tinha na sua casa ali, alguns alunos que é já tinham uma escolaridade talvez a nível maior do que a dele, tinham mais uma facilidade que eles explicavam né?! e respondiam. Às vezes até respondiam aquele aluno que não tinha tanto, que os pais não tinham tanta escolaridade, na maioria das atividades né?! não vinham todas completas e aí já tínhamos essa dificuldade.

Com relação a avaliação por exemplo, né?! porque aí para se avaliar, nós tínhamos que também levar em consideração essas situações, então um dos critérios de avaliar era o aluno já entregar atividade e devolver, a devolução já era um dos itens a serem avaliados né?! entregar as atividades e trazer o retorno. A outra questão era fazer o acompanhamento das questões respondidas e na atividade seguinte agente retornava com algumas até revendo novamente, dando uma revisada nesses conteúdos, só que também enfrentamos diversas dificuldades com relação a produção desse material, porque o município não deu todo suporte que a escola

precisava, de imprimir muitas atividades né?! Dentre outras coisas, uma escola com mais de 1.000 alunos e você tendo que fazer essas atividades pra todos esses alunos né?! Não tinha como enviar muitas atividades, às vezes 2, 3 né?! páginas com atividades eram feitas por disciplina, por quê demandava de muito material, folha de papel Office, tinta pra impressora, tinha uma única impressora pra imprimir todas essas atividades né?! Então, a gente se reunia a imprimir essas atividades, depois se reunia para montar essas atividades né?! grampear todas para que o aluno pudesse receber, então isso foi uma grande dificuldade que a escola enfrentou para solucionar esse problema na pandemia.

Um ponto que posso dizer assim, positivo dentro dessa pandemia, foi no primeiro momento dificultoso lidar com a tecnologia, também no início foi logo uma experiência nova né?! que é você tá mexendo com a tecnologia, porque a gente não estava tão acostumado, era acostumado com o contato direto com o aluno na sala de aula, quadro né?! e a explicação. Então agente passamos a fazer essas explicações, agora para as pessoas que vinham pegar as atividades, eles explicariam para os seus filhos ou irmãos, quem viesse né?! ou ele próprio que viesse, alguns tinham alguns contatos, a gente disponibilizava também, era algo interessante,

disponibilizá-las em cada atividade o contato dos professores de cada disciplina, porque aí eles poderiam entrar em contato aqueles que tinham é crédito né?! pra ligar ou internet ainda, entraria em contato com os professores e tirava algumas dúvidas pra que a gente pudesse ajudá-lo durante aquele período.

Então a gente fazia isso, tirava essas pequenas dúvidas durante a semana e aí tivemos outro ponto positivo, decisivo, que foi também a implantação do SGE, que era o sistema de gerenciamento dessas notas das atividades né?! era algo novo também para a escola, que estava acostumada com seu diário né?! impressos e agora é preciso pegar tudo e colocar tudo no sistema né?! diretamente, online né?! e aí tivemos que saber fazer essa adaptação, aprender assim às pressas pra responder e aí era um ajudando o outro, encontramos essa dificuldade, em você passar o conteúdo e ter que lançar nesse sistema.

Era algo que talvez não era aquilo o que você tinha passado para o aluno, e sim aquilo que já estava dentro do currículo, ali do município né?! e foi um desafio né?! para a escola e também um desafio para os alunos também né?! os pais também tinha uma grande preocupação com relação a reprovação e aprovação do aluno, então realmente também foi um momento

difícil, tanto pro aluno quanto para o professor, mas no final é de certo né?! para que tudo acontecesse, porém a aprendizagem dos alunos não foi aquilo que a gente esperava né?!

Assim que retornarmos, conseguimos fazer um diagnóstico, que foi constatado um prejuízo imenso para esses alunos, que logo no início nós tínhamos uma reprovação e que passavam pra gente que íamos ter que avaliar e reprovar alguns alunos que não conseguissem atingir suas metas e aí nós ficamos preocupados com isso, como faria isso esse tipo de avaliação? e aí depois acabou que o município em si, a grande maioria, decidiu aprovar todos os alunos né?! e aí quando retornamos para o presencial aí nós fomos ver a dificuldade né?! de cada aluno presencialmente.

Mas foi isso, foi uma experiência digamos que interessante, diante da situação que o mundo estava vivendo e nós tivemos que correr atrás para se adaptar a aquilo que a gente não era acostumado né?! não tinha nenhuma experiência né?! de aulas remotas por exemplo, nem os professores e nem o nosso público, que é a nossa comunidade e a escola, também não tinha essa estrutura para oferecer também né?! esse tipo de aulas remotas, fora o risco de contaminação, que por mais que a gente fizesse e tivesse todos os cuidados, mas tinha o risco da contaminação, tanto do aluno vindo

pegar as atividades, quanto da gente tendo contato também com os alunos né?!

Primeiro passaram que nós tínhamos que pegar essas atividades deixar ao menos 3 dias reservadas, para que a gente pudesse manuseá-las, fazer a correção, entre uma e outra e também imprimir essas atividades, montar e demorar mais um dia, para que o pai do aluno viesse pegar também, mas só que não tinha como cumprir isso né?! outra dificuldade também foi quanto aos alunos retirarem essas atividades né?! aqueles que moravam próximo à escola, não encontraram tanta dificuldade, mas aqueles que moravam distante da escola, como os alunos das extensões por exemplo tiveram grande dificuldade em vim recolher, pra pegar essas atividades e fazer essa devolução também, também foi um desafio né?! para a escola, para os professores, de ter essa sensibilidade quanto a avaliação desses alunos né?! não podendo prejudicá-los e tivemos cuidado pra sermos o mais sensível possível, no mais foi isso, esse desafio que a escola indígena enfrentou junto com os seus professores.

O professor Gilson Matos relatou a preocupação com a questão do planejamento das atividades que seriam ofertadas para os alunos, tendo o cuidado e pensando em qual seria a melhor forma que pudessem ser feitas essas atividades, para que os alunos conseguissem tirar o máximo de proveito possível das mesmas, então, munido de muito conhecimento, tanto por experiência de anos na educação, quanto de conhecimento tradicional, ele não mediu esforços em usar isso em prol de contribuir com a qualidade dessas propostas de atividades.

No constante exercício da práxis pedagógica, sempre antes de serem enviados os roteiros, as atividades eram analisadas pelos demais professores e pela equipe de gestão, a fim de observar se a linguagem a qual eram abordadas nesses roteiros, observando se eram adequadas e se contemplavam a realidade dos alunos, utilizando uma linguagem simples, contando também com instruções na própria atividade, de como a mesma deveria ser feita, para que o responsável pudesse ajudar o aluno na resolução das mesmas.

Isso foi fundamental, pois mais do que virem respondidas essas atividades, elas precisavam realmente ser funcionais, o foco delas era atender de fato os alunos, de modo que pudessem aprender realmente com elas. Então o feed back dessas atividades serviam de termômetro para que pudéssemos pensar em novas estratégias, para então planejar as próximas que seriam enviadas. Ainda que com algumas limitações, o desafio de elaborar e produzir essas atividades era inteiramente pensado no aprendizado real do aluno, abordando principalmente às questões culturais por meio de atividades adaptadas voltadas para a valorização tradicional cultural Pataxó.

4.3. Ademario Braz Ferreira

Meu nome é Ademário Braz Ferreira, conhecido como Kamasary pataxó, atualmente estou como gestor escolar da escola municipal indígena pataxó coroa vermelha. No início de 2020, 16/03/2020 onde iniciou a pandemia, tinha saído um decreto do governo federal, experiência difícil, na verdade uma coisa muito difícil e logo no início quando nós planejamos e discutimos né?! com o gestor municipal, pra que a gente pudesse estar fazendo um projeto que pudéssemos trabalhar em um projeto de alternância, um projeto de intervenção na verdade né?! com nossos alunos, então nós fizemos esse projeto logo no início, para apresentá-lo ao prefeito, mas em seguida né?! como era o momento político a gente também não sabia o que iria acontecer e no momento político aconteceram alguns desentendimentos que acabaram prejudicando nossa escola.

Nessa briga toda política quem sofreu fomos nós, né?! Profissionais, nós que somos da gestão também, porque em seguida o gestor municipal exonerou todos os funcionários do município, de professor, administrativo e outros, inclusive todos os funcionários da nossa escola, que é a maior escola do município, apenas nós da equipe de gestão não fomos exonerados e ficamos realmente

preocupados com os nossos colegas e parentes.

Ficamos cegos, a gente não sabia o que fazer naquele momento né?! pra ajudar os colegas, que era um momento que mais precisavam e a gente realmente não conseguiu reverter essa questão, em questão da política e aí passou 2020 né! e voltamos a trabalhar já próximo ao meio do ano com esta atividade remota né?! uma atividade que a gente realmente teve uma experiência diferente na verdade, um aprendizado que nós tivemos que nunca tivemos antes, nunca trabalhamos na verdade nesse modelo de atividade.

Tivemos que realmente nos dedicarmos a esses projetos né?! pensando como é que a gente poderia estar trabalhando e conseguimos seguir fazendo nossas atividades, para que nossos alunos não perdessem de ano entendeu, aí começamos a fazer as atividades entregando de quinzena em quinzena, a gente via que estava muito espaço de tempo na verdade, depois foi de 8 em 8 né?! e a gente percebeu que estava muito curto o tempo, tinha muito trabalho, muita atividade para o nosso colega professor, todo mundo doente psicologicamente né?! e aquele medo do momento da covid e então realmente foi muito, muito preocupante né?! aí sentamos novamente decidimos e conseguimos colocar pra 15 em 15

as atividades, onde os pais vinham e buscava essas atividades né?! e levava para seus filhos.

Falando também do nosso currículo né?! de que forma foi utilizado nosso currículo escolar durante a pandemia, assim, nós na verdade não tínhamos inserido esse acontecimento no nosso currículo, então agora né?! tivemos que acrescentar mais essas atividades, a forma como foi trabalhada na pandemia, as questões do planejamento entendeu?!

Os pais entregavam novamente as atividades que haviam sido respondidas e levavam de novo outras para serem respondidas. Então assim, as atividades ficavam de repouso entre as datas de entrega e devolutiva, onde os professores só iriam manusear as que tinham sido entregues dias depois e sempre assim, a gente passou até o meado do ano todo né?! nessas atividades, até porque as atividades remotas na nossa comunidade funcionavam “melhor”, pois nem todos os alunos tinham telefone ou outros meios para que te pudesse tá entrando em contato pra fazer essas atividades online, muito menos internet então o formato impresso mesmo das nossas atividades foi o mais viável para eles, de acordo com a sua realidade.

Essa vivência para a experiência foi muito boa, porque

realmente nós podemos dizer que nós profissionais da educação somos muito fortes no que fazemos, tivemos muita sabedoria no que fizemos entendeu? então só tenho mesmo agradecer muito né?! A esses profissionais que tiveram, aquelas pessoas que deram apoio também, entendeu? nós tivemos que fazer várias alterações, adaptações né?! para que a gente pudesse estar atendendo nossos alunos da melhor forma possível, então logo em seguida todo o trabalho que nós fizemos, dessas atividades remotas e no final de tudo, o que nos surpreendeu mesmo, mesmo com toda aquela trabalhadeira, os nossos alunos foram todos aprovados, então quer dizer assim, que aquele trabalho que nós fizemos claro foi bom, porque nossos alunos não ficaram 2 anos sem as atividades né?!

Mas muitos dos nossos alunos, aqueles que não buscaram nenhuma atividade né?! foram aprovados automaticamente, por conta da secretaria de educação do município, então eles passaram também né?! então pra nós ficou muito difícil essa situação né?! porque assim, o nosso aluno foi aprovado sem saber quase nada né?! então esse período foi muito longo né?! e aí o ano 2000, 2021, daí quando foi 2022 né?! nós já começamos a trabalhar 100% já presencial, onde também tivemos dificuldade pra rever essas questões, até porque muitos dos nossos alunos vieram com muitos

problemas né?! psicologicamente doentes, nossos professores também não deixaram de estar doentes.

Muitos ainda tinham medo de encarar as atividades 100% presenciais, mas nós conseguimos né?! nós fomos trabalhando pouco a pouco e fomos perdendo o medo dessa forma né?! algumas coisas do nosso material, nós tivemos que fazer todo o trabalho processo, para que não faltasse o material para nossos alunos, então tivemos que correr atrás para comprar vários materiais e o apoio do próprio município não tivemos ,esse apoio também da parte pedagógica né?! nós não tivemos esse apoio em si, como agente gostaria de ter e aí foi mais nós mesmos professores, trabalhando e tendo o próprio material necessário que foi preciso. A gestão da escola correndo atrás pra que pudesse estar trabalhando essa parte todinha, mas nós conseguimos entendeu?!

Isso foi muito forte pra nós, uma experiência diferenciada né?! uma coisa que nunca tinha acontecido em nossas vidas provavelmente, e nós tivemos que realmente passar por isso e dizer que foi de certa forma, uma experiência muito boa. Lidamos também com as dificuldades de nossas comunidades, não tinha muito material, então nós tivemos que fazer a maioria mesmo é impresso, os equipamentos também não foram adequados né?!para que a

gente pudesse estar prestando esse serviço da maneira certa que gostaríamos.

Mas a gente conseguiu fazer o melhor em meio as dificuldades que tivemos, conseguimos dar um salto por cima desenvolvendo essas atividades. Tivemos também alguns momentos com a nossa comunidade e lideranças pra fazer essa discussão, de que forma que a gente poderia estar pensando nesse formato, nós também tivemos nossas reuniões com os pais né?!e foram várias discussões, até mesmo na própria rede municipal, pra que tinha pudesse estar atendendo 100% presencial no retorno e nós não conseguimos retornar junto com as demais escolas nesse momento né?! depois do mês de julho de 2021 a gente conseguiu voltar com mais segurança no modo presencial né?! 2021 então nós começamos a trabalhar, mas aquele medo ainda rondava né?! Tivemos que refletir bastante.

E pra completar ainda, o que a gente mais ficou mais preocupado ainda foi o SGE né?! que a gente também nunca tinha trabalhado, que é um sistema gestão escolar, então muitos dos nossos profissionais né?! nossos professores, não tinham o material tecnológico né?!nem computador, alguns só tinha mesmo o celular pessoal, então isso aí pra gente foi um ponto negativo que o

município não ofereceu suporte né?! nessa parte tecnológica, para que os professores pudessem fazer o material pedagógico também né?! faltou também toda essa parte pra que pudesse estar oferecendo toda essa estrutura ainda, que nós conseguimos passar para nossos alunos, foi internamente trabalhando todo mundo junto, com muito esforço e dedicação.

Tanto o professor, quanto a equipe de gestão, se empenharam para que a gente pudesse oferecer o melhor para nossos alunos, e graças a Deus nós conseguimos, conseguimos sim. Bem não foi 100%, mas eu digo que pelo menos 70% a 80% nós conseguimos sim oferecer para o nosso professor e para nossos alunos né?! Dizendo assim que o ponto forte nosso, é que nós nunca desistimos né?! por mais que tivemos dificuldades, não deixamos a autoestima cair, foi um ponto positivo, trabalhamos para que pudéssemos oferecer um bom trabalho pra nossos alunos né?!

E assim, nós saímos de uma rotina na verdade né?! então só aí que a gente percebeu que nós professores, além de professores, realmente somos pesquisadores, nós buscamos, labutamos, adquirimos e pensamos em uma educação escolar indígena de qualidade, então essa atividade nesse formato de ensino remoto, veio ainda mais para que a gente pudesse perceber a importância do

tema educação escolar indígena, a essência dela, além de oferecer toda aquela estrutura dos nossos conhecimentos básicos, nós tivemos que buscar pesquisar né?!

Para que a gente pudesse oferecer um aprendizado mesmo à distância, mas um aprendizado que nosso aluno pudesse perceber que nós estávamos ali pra oferecer pra eles isso. Em meio à questão de preenchimento do diário eletrônico, que é o SGE, onde nós fomos muito cobrados, nós ainda somos cobrados e nós não tivemos uma formação né?! que nós precisávamos disso, até porque estávamos entrando na pandemia e logo em seguida veio um sistema que a gente não sabia como funcionava, tendo que cumprir datas, prazos para preenchimento, então assim, tudo diferente.

Foi a falta de formação da própria rede municipal escolar, que não deu né?! essa formação pra nossos coordenadores, para nossos professores, como realmente funcionaria o sistema, então muito dos nossos professores não tinham habilidade pra estar mexendo com esse sistema, por não estarem habituados com o tecnológico, mas o lado bom né?! o positivo, é que eles buscaram, eles perderam o medo de mexer em computador, perderam o medo de mexer no seu próprio celular, eles buscaram, então eles conseguiram realmente né?! chegando o final de 2021 de parabéns

né?!

Nós conseguimos já trabalhar o ano 2022, 100% presencial, com alguma dificuldade, tinha dificuldade, porque nós precisávamos do apoio pedagógico ainda, e das formações e a gente ficou em falha no sistema em questão ainda da própria Secretaria de educação, que não oferecia né?! então assim, a parte técnica é muito pequena né?! a equipe técnica do SGE é pequena, então não ofereciam essas informações como deveria ser, mas nós estamos trabalhando agora em 2023, iniciamos isso, e ainda com alguma dificuldade estamos vencendo, todos trabalhando. A gente sabe que a pandemia, ela não vai terminar por agora né?! ainda continua e ela deixou sequelas, então continua ainda essas sequelas acompanhando, e a gente não sabe quando vai parar né?! Então a educação escolar indígena realmente superou tudo, os nossos professores né?! Souberam lidar, não ficando só na parte na parte

teórica né?! naquela parte de só falar que a educação é isso, que a educação é aquilo, mas os nossos profissionais buscaram formas, buscaram pesquisar, então essa entrega foi maravilhosa né?! claro que muitos não veem isso, mas eu vi, eu como gestor dessa escola, pude constatar o potencial dos nossos profissionais, dos nossos professores né?! Enfim, dos nossos servidores.

Muito bem, eu agradeço muito a Deus, por Ele nos ajudar a conseguir, por nós conseguirmos estar fazendo aí nosso trabalho, com dedicação né?! claro que eu não vou dizer que a gente tá 100% ainda do nosso psicológico como a gente gostaria de estar, mas nós vamos conseguir né?! Mas foi maravilhoso ver a união, mais um aprendizado, mais um obstáculo que nós vencemos, com a permissão de Deus do nosso lado, nitxi awêry! Muito obrigado!

O diretor Ademário Braz, citou um dos momentos mais tristes do período pandêmico, pois ele estava como diretor naquele período também. Como se já não bastasse a doença em si, o fato dos profissionais terem sido todos exonerados e ainda impedidos de receber qualquer tipo de auxílio do governo, impactou não só esses servidores que tiveram seus contratos suspensos, mas também toda a equipe de gestão, que apesar de terem continuado com seus cargos, sofreram tanto quanto os demais colegas.

O sentimento de impotência por parte da equipe de gestão foi algo que mexeu muito com os mesmos, pois eles se viram de mãos atadas diante daquela situação tão terrível vivenciada pelos seus colegas e parentes, constatando que apesar de todos os esforços, infelizmente não poderiam estar revertendo a situação em favor deles, por isso, quando foi possível o retorno desses profissionais, a equipe de gestão, com muita sabedoria e empatia, preparou um momento que certamente marcou a história desses profissionais.

Proporcionando uma roda de terapia que contou com a participação de Ubiraci Pataxó, que conduziu o trabalho de roda de terapia, valorizando também os conhecimentos tradicionais, onde os mesmos externaram suas angústias, seus anseios, suas expectativas, se sentindo assim, acolhidos e percebendo que não estavam sozinhos naquela luta, todos se comprometeram a ajudar uns aos outros como uma verdadeira família, em quais fossem os desafios a serem enfrentados posteriormente, onde ninguém poderia soltar a mão de ninguém e a dor de um, era a dor do outro. Por isso a condução de forma muito sábia por parte da equipe de gestão pedagógica foi algo incrível e notável por todos que vivenciaram aquele momento

4.4. Silvani Bomfim Ferreira- Vice-diretora

A Educação Escolar Indígena vem obtendo, desde a década de 70, avanços significativos no que diz respeito à legislação que a regula. Isso só acontece através das lutas e dos movimentos indígenas e do reconhecimento da necessidade de uma educação específica diferenciada e de qualidade para as populações indígenas. Mas na prática há enormes conflitos e contradições a serem superados. Nos últimos anos, os professores indígenas, a

exemplo do que ocorre em muitas outras escolas do país, vem insistentemente afirmando a necessidade de contarem com currículo mais próximo de suas realidades e mais condizente com as novas demandas de seu povo.

Esses professores reivindicam a construção de novas propostas curriculares para suas escolas em substituição àqueles modelos de educação que, ao longo da história, lhes vem sendo

imposto, já que tais modelos nunca corresponderam aos seus interesses políticos e às pedagogias de suas culturas. A princípio não há entraves legais para que tais currículos não sejam construídos e lutamos assim para que todas as escolas indígenas tenham o seu próprio currículo, ou melhor, a sua autonomia pedagógica.

Entendo que todos os serviços já instituídos necessitam de aperfeiçoar o atendimento às comunidades indígenas, buscando maior participação e o protagonismo do nosso povo. Nas últimas décadas houve algumas ações junto com as lideranças de várias comunidades indígenas Pataxó, de outros povos da Bahia e, também, de outros Estados. Juntos na busca dos nossos direitos e fortalecimentos em respeito e memória aos nossos ancestrais, permaneceremos lutando e resistindo para que as futuras gerações possam desfrutar dos nossos territórios, vivências e tradições culturais.

Com o aparecimento da pandemia surgiram inesperadas necessidades de mudanças de hábitos, que estão impactando diretamente na rotina da nossa comunidade, no ambiente escolar e no convívio social e familiar. As orientações são constantes sobre o vírus, determinaram a suspensão de aulas em escolas públicas e

privadas. Além das aulas, tudo e quaisquer eventos foram suspensos para evitar aglomerações de pessoas e o vírus não avançar.

Desde que o COVID-19 se instalou no nosso município e na nossa comunidade, tudo que havia sido planejado teve que ser paralisado. Dessa forma, as escolas não podem promover o aprendizado para os alunos (de forma presencial), assim mesmo que o ensino fosse direcionado de maneira remota (plataforma digital) as dificuldades encontradas hoje, devido a diversidade de contexto social das comunidades indígenas principalmente com as dificuldades de acessos tecnológicos.

Essa mudança repentina na vida das pessoas da nossa comunidade, fez com que essas passassem a ficar trancafiadas sem poder visitar o parente e vulneráveis ao isolamento social. Todos tão acostumados a uma vida de liberdade e de repente ver tudo mudar, assim passaram a ter impedimentos principalmente no seu direito de ir e vir devido as medidas de isolamento.

Diante desse novo cenário, as nossas famílias indígenas não serão mais as mesmas. Essa situação tão crítica fará com que o direito das famílias seja não só impactado, mas também fortemente transformado. Nunca os valores como empatia, respeito mútuo, solidariedade, e compreensão foram tão necessários às relações dos

nossos familiares. Os cuidados e preocupação tornaram muito mais constantes, não há bem maior que a vida do ser humano.

Foi um momento que exigiu muitos esforços por parte de cada um de nós, pensando sempre no próximo e pelos princípios acima mencionados envolvendo os familiares indígenas em função de um bem maior. Uma vez que nosso trabalho é interrompido por algo inesperado, dessa forma valorizando as nossas atividades específicas, diferenciadas e experiências das nossas vivências antes da covid-19 são essenciais. As nossas práticas são muito importantes nesse contexto de crise que estamos vivendo. A educação indígena, assim como todo o cenário educativo nessa pandemia atravessa um momento muito difícil, os desafios são inúmeros e suas consequências incalculáveis. Uma dessas, é o fechamento das escolas que mexeu nas concepções da comunidade escolar, ou seja, motivou a busca de estratégias a fim de contribuir para ampliação e propagação dos conhecimentos. Todo esse trabalho, é inspirado na esperança de toda a população local e mundial por vencer a pandemia. Vale lembrar que, a população de todo o mundo foi pega de surpresa tanto dentro do contexto escolar, quanto dentro da nossa comunidade indígena.

A pandemia atualmente, passou a ser mais um problema dentro da comunidade indígena. Antes disso, o povo indígena já enfrentava uma série de dificuldades relacionadas às questões sociais, culturais e econômicas. Muitos direitos negados nas três esferas governamentais e com o avanço da pandemia parte desses direitos seguem sendo violados. A exemplo disso, a gestão municipal à qual a nossa comunidade pertence vem executando e planejando estratégias que não convém com a realidade da comunidade indígena escolar, trazendo consequências graves aos envolvidos.

A mudança de cenário no âmbito educacional foi eminente, rápida e desumana. De repente a rotina de planejamento, aulas, contato com os colegas de trabalho e alunos foram bloqueadas e isso trouxe de fato o isolamento. Tal feito, foi a primeira medida para evitar aglomeração e uma consequente contaminação em massa por parte da comunidade escolar.

A volta as aulas é um enigma já que o momento se define a partir das apresentações de resultados provenientes do Ministério da Saúde, todavia é um momento de reflexão e planejamento de ações focadas em duas perspectivas: a volta ou não das aulas. No retorno, teremos planejamento de conteúdos pautados nos impactos

da pandemia, logo precisamos nos adaptar às ferramentas disponíveis e aos cuidados necessários para a sua execução.

Essa nova dificuldade que hoje se apresenta, nos deixa mais fortes e unidos para que possamos continuar lutarmos por uma educação de qualidade e aprimorada para os nossos educandos. Contudo, é necessário buscar políticas públicas que atendam e entendam nossas especificidades culturais para que consigamos nos identificar e com isso possamos ter acompanhamentos necessários. Todavia, temos muitas expectativas e desafios a serem superados, mesmo embora tenhamos visto que o governo ainda não tem um projeto para reorganizar o quadro educacional que dispõe. Não sabemos como vão atingir as localidades em que há carência de profissionais, principalmente porque tais profissionais precisam estar engajados e conscientes da realidade que os aguardam.

Além do mais, ficamos com a preocupação de como daremos assistência aos nossos educandos com qualidade, dignidade e de forma igualitária, já que temos uma diversidade de problemas em nossa comunidade. A pluralidade de ideias e opiniões é um desafio grande, precisamos que todos sejam respeitados e com isso sabemos a importância da educação indígena nesse momento, já que trazem princípios educacionais e culturais que apreendemos para toda a

vida, uma herança cultural, espiritual, cognitiva e emocional que é passada de pai para filhos e que sempre contribui com a educação escolar indígena dos nossos educandos.

Atendemos não só aos educandos da comunidade local, mas também das extensões, que é outra preocupação que vamos enfrentar esses alunos não têm nos seus lares os meios tecnológicos que lhes possa favorecer o aprendizado no turno oposto, e mesmo que lhe sejam dados existe uma necessidade de aprendizado de como lidar com esses aparelhos. Nesse sentido, a escola, poderá manter vínculo com a comunidade, promovendo momentos de troca de conhecimento, roda de diálogos, interação com as famílias. Isso sendo numa perspectiva social e cultural, pensando no processo e desenvolvimento de propostas pedagógicas, projetos culturais e transversais, atividades conjuntas envolvendo o corpo escolar e comunidade.

Podemos esperar que muitas mudanças, dúvidas e a certeza de que a educação escolar indígena não será a mesmas pós pandemia. Assim como a Educação indígena não estava acostumada com esse isolamento social, uma vez que sua prática é através de conversas, passeios, vivências e troca de saberes/fazeres tradicionais no espaço de convívio. Houve a necessidade de

reinventar as nossas práticas na comunidade, assim a execução da educação indígena tornou-se uma metodologia ativa na aquisição de conhecimentos culturais e sociais.

As famílias farão esse acompanhamento, criando meios e estratégias de ensino/aprendizagem, mesmo sabendo que não é fácil está diante desses desafios que estamos vivenciando, sem falar na desigualdade social que as comunidades estão enfrentando. Nesta perspectiva, toda reposição da carga horária correspondente aos dias letivos da escola indígena, as atividades foram remotas, utilizamos estratégias de ensino e acompanhamento da aprendizagem com atividades impressas, organizando atividades não presenciais, por meio da orientação dos professores, coordenadores e gestores.

Considerando que não foi fácil proporcionar aos nossos alunos as atividades impressas e aos professores materiais tecnológicos, mas tentar cumprir o que está no nosso PPP, que é cumprir com a responsabilidade ao qual nos é confiada em relação ao processo de formação educacional e cultural dos nossos alunos, e ainda promover atividades que poderão ser orientadas, adaptadas e diferenciadas à distância, que serão conduzidas pelos coordenadores pedagógicos e professores da escola, elaborando

assim, uma proposta de trabalho aos professores, materiais específicos e objetivos que possam ser de acordo com a realidade e especificidade dos nossos alunos.

No nosso Município foi decretado a suspensão dos contratos temporários, assim que surgiu a pandemia. Por esse motivo a comunidade escolar junto com as lideranças e caciques se reuniram com o secretário de educação, para reivindicar a permanência dos contratos e funcionamento da nossa escola. Dessa forma, garantindo assim, o sustento dos nossos profissionais e de suas famílias, cabe ressaltar que, independentemente da resposta do gestor e seu posicionamento, não paramos, em busca de manter todos os contratos, visto que a nossa escola iria trabalhar de forma remota para atender aos alunos, e que novas medidas foram tomadas, para que os nossos profissionais da educação não passassem dificuldades no momento de pandemia, uma vez que os contratos foram suspensos. As lideranças nos ajudaram muito em tempo da pandemia, até nos processos das atividades desenvolvidas, certeza que certamente não conseguimos atingir 100% dos nossos alunos com o uso de atividades impressas. Mas tivemos todo um cuidado nas atividades propostas elaboradas e acompanhadas pelos professores e coordenadores pedagógicos, para não gerar prejuízo

no processo de ensino. A escola ficava a disposição para a família pegar as atividades de seus filhos, para os alunos das extensões os professores ficavam também a disposição para a entregar e orientar na execução das atividades propostas. Para atender às demandas do atual cenário, que exigia medidas rigorosas de prevenção e isolamento do novo Coronavírus (COVID-19), a comunidade escolar planejava e elaborava as atividades a serem desenvolvidas durante o período da pandemia, com o objetivo de viabilizar material de estudo e aprendizagem de fácil acesso e compreensão por parte dos alunos e/ou familiares.

Inicialmente não foi fácil para nós nas questões administrativas e materiais tecnológicos, sabíamos que esses materiais eram fundamentais nesse processo de aulas remotas, tanto para os professores quanto para os alunos. Para manter as atividades tivemos que contar com ajuda das nossas lideranças e parceiros. A preocupação com nossos alunos, principalmente com os alunos das extensões, não seria fácil em algumas situações, sabemos que qualquer ação a ser tomada tem que partir do esforço de todos os envolvidos, bem como da família que seria a ponte no apoio das execuções das atividades remotas dos seus filhos.

Foi uma luta para nós principalmente na tarefa de conseguir mais parceiros para ajudar a nossa comunidade, foi uma busca constante para manter a continuidade das nossas atividades dentro da escola. Dessa forma, a solidariedade e a empatia tem sido nossas armas contra essa situação delicada. Contudo, muitos movimentos sociais têm se juntando a nós para mobilizar e ajudar as famílias mais carentes das nossas comunidades.

Os desafios são constantes nas nossas vidas, mas juntos sempre superamos os obstáculos que apareceu, e um deles foi a pandemia, carregando em nossas veias o sangue daqueles que deram suas vidas por nós, fonte de nossa força para resistir e seguir lutando. São lutas que perpassam pela conquista de nossos territórios, saúde, direitos sociais e uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária.

No contexto de pandemia, aprendemos muito mais com os parentes, principalmente sobre a nossa sobrevivência durante esse período; ou pelo fato de encontrarmos uma série de dificuldades de se criar metodologias que fossem razoavelmente efetivas para mantermos nossos estudantes em processo de construção de uma aprendizagem formal em meio a falta de materiais e ferramentas de

apoio pedagógicos, a dificuldade em lidar e ter acesso as tecnologias devido à falta de investimento público na área.

Apesar de tudo isso, a consciência de coletividade desafia as dificuldades e vem construindo medidas próprias para amenizar e/ou superar as dificuldades, as quais têm como ataques velados, mobilizando apoios e recursos, compartilhando o que temos, criando mecanismos de proteção e isolamento das comunidades, ampliando a presença e discussão das temáticas indígenas nos meios virtuais e reforçando as denúncias de ataques aos povos indígenas nos diversos meios de comunicação em níveis locais, regionais e nacionais.

O isolamento social nos tirar uma das maiores características dos povos indígenas que é a convivência coletiva, e isso doem em todos nós. Mas nossos esforços para superar esse momento é algo que vai além do nosso querer individual, vem da responsabilidade como nosso povo, da valorização daqueles que cuidou e cuidadas vidas para que chegássemos até aqui. Pois outros momentos de crise virão no futuro e nossas novas gerações estarão preparadas, lutando e resistindo com mais conhecimentos que adquirimos cada adversidade que nosso povo enfrenta.

A vice-diretora Silvani Bomfim, evidenciou a necessidade que as escolas indígenas possuem, de na prática terem autonomia de fato, para construírem um currículo que contemple e valorize as especificidades culturais tradicionais e locais, não seguindo a modelos impostos, que muitas vezes ignora o protagonismo indígena na história do nosso País.

Ela se referiu ao sistema educacional, o padrão que as escolas não indígenas precisam seguir, pois na prática, a escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, já faz essa adaptação em suas metodologias em sala de aula, unindo o saber científico ao tradicional. Por conta disso, durante o momento pandêmico, entre a elaboração e entrega de atividades, a escola também promoveu momentos de atualização do PPP da escola e de adaptação do currículo escolar para atender as demandas educacionais indígenas.

Esse foi um processo que requereu muito empenho, uma verdadeira força tarefa, sendo divididos os professores, por segmento e por disciplina em prol dessa importante construção. Todas essas construções foram fruto do espírito coletivo muito presente nas comunidades indígenas, fazendo com que esse problema que foi a pandemia, se tornasse mais um problema a ser enfrentado e vencido com muita garra e resistência, resistência essa que é “sobrenome” do povo Pataxó.

CAPÍTULO 5

Aprendizagens ao ouvir narrativas da vida na escola indígena durante a pandemia no período de 2020-2022: Fechamento

Apesar das legislações e políticas públicas existentes, a educação escolar indígena ainda enfrenta diversos desafios, como aponta a pesquisadora Áurea Maria Ferraz da Silva(ANO). Entre os principais desafios da educação escolar indígena estão:

A falta de infraestrutura adequada é um dos principais desafios enfrentados pela educação escolar indígena. Muitas escolas indígenas ainda possuem estruturas precárias, como salas de aula sem ventilação adequada, ausência de bibliotecas e laboratórios, e falta de materiais pedagógicos (SILVA, 2009, p. 48).

A estrutura da escola se encontra com sérios problemas, visto que desde quando iniciaram as aulas no local, nunca houve uma reforma que realmente sanasse todos os problemas de infra-estrutura, a falta de investimento, a precariedade dos materiais, o que ocorre sempre é uma tentativa de “maquiar” externamente, pois sempre quando chove, continua chovendo mais dentro das salas do que do lado de fora, as janelas são preenchidas no lugar do vidro com pedaços de tapumes de madeira, o famoso jeitinho brasileiro por parte do poder público.

Prova disso que no início do ano letivo 2023, os próprios professores e a equipe de gestão, fizeram um mutirão para que a escola estivesse em condições dignas para que fosse dado início ao ano letivo e receber com alegria os alunos, foram compradas tintas com recursos próprios, rolos etc. Para que a escola ganhasse “a cara do Povo Pataxó”, ressignificando o espaço escolar.

Existe um projeto de construção de uma escola modelo, que já foi liberado pelo governo do Estado, apenas aguardando a ordem de execução por parte da prefeitura, já que era necessária uma contra partida financeira da mesma, quando foi elaborado o projeto o orçamento foi feito, mas como houve uma demora por conta de burocracias, com o reajuste no orçamento para os dias atuais, o valor triplicou, forçando assim a proposta da contra partida dos órgãos responsáveis pela execução da liberação dos recursos financeiros.

A distância geográfica também é um desafio para a educação escolar indígena, uma vez que muitas escolas indígenas estão localizadas em regiões remotas, de difícil acesso. Isso dificulta a contratação e a permanência de professores qualificados e a oferta

de materiais didáticos adequados (SILVA, 2009, p. 48).

Houve certa dificuldade, na logística de entrega e devolutivas da Sede para as chamadas extensões da escola, durante o ensino remoto, que se trata de salas de aula, nas comunidades circunvizinhas da Sede, sendo elas cinco extensões: Aroeira, Agricultura , Araticum, Nova Coroa e Txihy kamaywrá. Nem sempre se conseguia entregar as atividades no mesmo prazo que era entregue na Sede devido à questão do transporte, porém todos os alunos das extensões receberam os roteiros, assim como os alunos da Sede.

Outro desafio enfrentado pela educação escolar indígena é a falta de formação adequada de professores. Muitos professores que atuam nas escolas indígenas não possuem formação específica para a educação escolar indígena, o que dificulta a promoção de uma educação diferenciada, que valorize a cultura e identidade indígena (SILVA, 2009, p. 49).

A maioria dos professores da escola indígena Pataxó de Coroa Vermelha já possuem formação, pelas Universidade UFMG,

UFSB, UNEB, UFBA, IFBA, entre outras em cursos interculturais indígenas.

Ocorre também na unidade de ensino, um curso formativo de suma importância, chamado “SABERES INDÍGENAS” o qual é voltado para a elaboração de planejamentos, atividades, materiais didáticos que valorizem a cultura indígena Pataxó.

Além disso, a falta de materiais didáticos adequados é um problema recorrente na educação escolar indígena. Muitos materiais didáticos disponíveis no mercado não contemplam a diversidade cultural e linguística das populações indígenas, o que dificulta o processo de aprendizagem dos estudantes (SILVA, 2009, p. 49).

Há uma precariedade concernente a materiais didáticos que deveriam ser ofertados pelo Município. O que acontece com frequência é, a produção de materiais didáticos feitos pelos próprios professores e as vezes contando com a participação dos alunos, utilizando muitas vezes materiais recicláveis, a fim de promover além de uma melhor experiência para os alunos, uma aprendizagem significativa.

A necessidade de incorporar saberes tradicionais é um desafio importante para a educação escolar indígena. É necessário que a educação escolar indígena promova a valorização dos saberes tradicionais das populações indígenas, e que esses saberes sejam incorporados ao processo educacional, de forma a

promover a formação integral dos estudantes (SILVA, 2009, p. 49).

Em resumo, é fundamental que sejam implementadas políticas públicas específicas para a promoção da educação escolar indígena digna, que valorizem a cultura e identidade das populações indígenas, e que respeitem suas especificidades linguísticas e culturais.

O ensino remoto se tornou uma alternativa para a continuidade do processo educacional durante a pandemia da COVID-19. No entanto, essa modalidade de ensino também trouxe desafios para a educação escolar indígena, como aponta a pesquisadora Débora de Lima Barbosa(2021, p. 70): "a educação escolar indígena é caracterizada pela valorização da oralidade, das práticas culturais e da natureza, o que torna o ensino remoto uma modalidade desafiadora para os povos indígenas" . Isso porque o ensino remoto, em sua maioria, utiliza recursos tecnológicos e materiais escritos, que não contemplam as especificidades linguísticas e culturais dos povos indígenas que tem como herança tradicional o domínio da oralidade.

Além disso, a falta de acesso à internet e de equipamentos tecnológicos também se tornou um problema para a educação escolar indígena durante o ensino remoto. Muitas comunidades indígenas não possuem acesso à internet ou possuem uma conexão

precária, o que dificulta o acesso dos estudantes aos conteúdos educacionais (BARBOSA, 2021, p. 71).

A falta de equipamentos tecnológicos adequados também se tornou um problema para a educação escolar indígena durante o ensino remoto. Muitos estudantes indígenas não possuem dispositivos eletrônicos, como computadores e smartphones, que são necessários para acessar os conteúdos educacionais disponibilizados online (BARBOSA, 2021, p. 72).

Um dos fatores que prejudicaram os estudantes, muito relatado foi a falta de aparelhos celulares das famílias, a falta de acesso à internet, que dificultaram (no caso dos pais que não tinham tempo de ir à escola), tanto a comunicação dos mesmos com a escola, quanto no uso do aparelho como fonte de pesquisa quando fosse necessário para se ter apoio na resolução de atividades.

A falta de contato presencial entre estudantes e professores, o que afetou a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. A educação escolar indígena é baseada em uma perspectiva comunitária, em que o conhecimento é transmitido por meio da oralidade e das práticas culturais dos povos indígenas. A falta de contato presencial dificultou a manutenção dessa perspectiva comunitária, o que pode afetar a qualidade do ensino oferecido aos estudantes indígenas (SOUZA, 2021, p. 25).

Em meio a tantas questões, algo que ficou nítido, foi a falta de suporte e estímulo por parte da família dos estudantes, não

cooperando com os alunos na resolução das atividades, ou até mesmo não comparecendo na unidade de ensino para pegar ou devolver os roteiros de atividades, sendo uma das causas desse “abandono”, a falta de tempo devido aos horários de trabalho, dentre outros fatores que foram alegados.

Algo importante que aconteceu, foi que ao analisar o porquê as atividades estavam sendo devolvidas sem serem respondidas, foi a descoberta de que muitos pais não sabiam ler e nem escrever, devido ter tido uma infância na qual trabalhavam para ajudar no sustento da família, ficando impossibilitados de auxiliarem os filhos, sendo ainda mais complicado para os alunos que se encontravam no processo de alfabetização, não tendo a professora de forma presencial.

Outro desafio do ensino remoto para a educação escolar indígena foi a elaboração e entrega das atividades. Como as populações indígenas muitas vezes não possuem acesso à internet, as atividades são enviadas em formato impresso. No entanto, a entrega dessas atividades pode ser dificultada pela distância geográfica, pela precariedade das estradas e pela falta de transporte adequado (BARBOSA, 2021, p. 71).

Diante de todos esses desafios, foi necessário que medidas específicas fossem adotadas para a promoção do ensino remoto na educação escolar indígena, que respeitassem as especificidades

linguísticas e culturais da comunidade de Coroa Vermelha, que garantissem o acesso aos conteúdos educacionais de qualidade, voltados para realidade da comunidade em que os alunos vivem. Para isso, foi fundamental que fossem disponibilizados materiais didáticos adequados, que valorizassem a oralidade e as práticas culturais do povo Pataxó.

Por isso, também foi pensado em estratégias na elaboração dos roteiros de atividades, com o intuito de facilitar a compreensão dos pais que possuíam baixo nível de escolaridade, sendo feitos o passo a passo das atividades na mesma, utilizando palavras simples e do cotidiano da comunidade, com conteúdos voltados para os conhecimentos tradicionais, onde a fonte de estudo pudesse ser um mais velho da comunidade ou até mesmo algum membro da família.

A reflexão com relação ao método avaliativo teve que ser ainda mais exercida, considerando todas as problemáticas que surgiram, tendo em vista todos os fatores que desfavoreceram os alunos e os prejudicaram educacionalmente, sendo que eles não tiveram culpa de tudo o que aconteceu. Em virtude de um cenário complexo como esse, foi pensada na maneira mais humanizada possível, colocando em prática o exercício da empatia.

A pandemia de COVID-19 teve um grande impacto na educação escolar indígena, como aponta a pesquisadora Marília Silva de Oliveira. O fechamento das escolas e a necessidade de isolamento social levaram as instituições de ensino a buscarem alternativas para garantir a continuidade do processo educacional, o que trouxe desafios para a educação escolar indígena (OLIVEIRA, 2021, p. 19).

Um dos impactos da pandemia de COVID-19 na educação escolar indígena foi o aumento das desigualdades educacionais. Como as populações indígenas que muitas vezes não possuem acesso à internet e a equipamentos tecnológicos adequados, muitos estudantes indígenas não tiveram acesso aos conteúdos educacionais disponibilizados online durante a pandemia. Além disso, a distância geográfica e a falta de transporte adequado dificultaram a entrega de materiais impressos e a realização de atividades escolares [...] Outro impacto da pandemia de COVID-19 na educação escolar indígena foi o aumento da evasão escolar. Com a suspensão das aulas presenciais, muitos estudantes indígenas deixaram de frequentar as escolas, seja por falta de acesso aos conteúdos educacionais, seja por necessidade de auxiliar na subsistência da família ou por outros motivos (OLIVEIRA, 2021, p. 20).

Na escola indígena Pataxó de Coroa Vermelha, sempre foi comum a prática da busca ativa, e por conta da falta de acesso e contatos por meio de celulares, essa prática teve que ser muito utilizada para a garantia educacional dos alunos. Aonde os professores iam às casas dos alunos a fim de saber o porquê os

familiares não estavam pegando os roteiros de atividades, buscando também conscientizar os pais sobre a importância do estudo para a vida dos seus filhos.

Além disso, a pandemia de COVID-19 também trouxe impactos emocionais para os estudantes indígenas, como aponta a pesquisadora Débora de Lima Barbosa. O isolamento social e o medo da contaminação pelo vírus afetaram a saúde mental dos estudantes, que muitas vezes não tiveram acesso ao apoio psicológico necessário para lidar com essas situações (BARBOSA, 2021, p. 75).

Diante desses impactos, foi fundamental a garra que os gestores(as) e professores(as) tiveram na luta da educação escolar indígena durante a pandemia de COVID-19, trabalhando para a redução das desigualdades educacionais e o apoio emocional aos estudantes, por meio de atividades voltadas para o bem-estar da saúde mental deles, valorizando a oralidade e as práticas culturais dos povos indígenas. Segundo Santos (2023, p. 20) Com a interrupção das aulas presenciais, foi necessário buscar alternativas para garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem. A escola adotou o uso de roteiros de estudos e atividades impressas, que foram distribuídos nas comunidades indígenas.

Para superar esses obstáculos, a escola adotou estratégias como o uso de grupos de WhatsApp para comunicação com os

estudantes e em algumas ocasiões, a realização de encontros virtuais para orientação sobre as atividades escolares. A escola também buscou o apoio de lideranças e membros da comunidade para garantir a entrega das atividades impressas e a realização das atividades.

Diante da pandemia de COVID-19, a educação escolar indígena enfrentou desafios significativos em todo o Brasil, incluindo a Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha. A interrupção das aulas presenciais e a necessidade de adaptação ao ensino remoto trouxeram desafios importantes para estudantes, professores e gestores da escola.

Essa pandemia foi um dos nossos maiores desafios, pois foi algo que nos pegou de surpresa, principalmente o uso de máscara, o qual não estávamos acostumados, muitos parentes não conseguiam tomar os cuidados recomendados, mas faziam o uso dos remédios naturais tradicionais, principalmente nossas crianças, ainda assim tivemos perdas irreparáveis.

Quando se trata de educação escolar indígena, temos o hábito de contato com o outro e com a comunidade, devido a isso, a adaptação a esse modelo remoto não foi fácil, mesmo assim nós professores, fizemos nossos planejamentos coletivos, trocando

saberes e de acordo com realidade de cada comunidade atendida. Muitas famílias ficaram abaladas psicologicamente, essa pandemia causou sérios problemas em nossas famílias, mas ainda assim conseguimos vencer todos os obstáculos que foram causados por ela.

Neste estudo, foram apresentados os desafios enfrentados pela Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha durante o ensino remoto na pandemia de COVID-19. Sendo narrados pelos entrevistados e evidenciados pelos mesmos, a dificuldade com o uso de equipamentos tecnológicos e a conexão à internet, consideradas fundamentais para a continuidade do processo de ensino-aprendizagem, mas também como a falta de infraestrutura básica e a falta de familiaridade dos estudantes com as tecnologias digitais, dentre outras coisas, foram obstáculos significativos.

No entanto, a escola buscou alternativas como o uso de materiais impressos, a criação de grupos de WhatsApp e o apoio de lideranças e comunidade local para garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a pesquisa destacou a importância da legislação e das políticas públicas para a educação escolar indígena, bem como da formação adequada de professores e da valorização das culturas e tradições indígenas.

Com esse processo, enquanto educadora que atuou nesse período e com a vivência na comunidade, ao ouvir ao professor e a equipe gestora com as mais diversas experiências, eu aprendi que a educação escolar indígena é construída pela resistência de cada uma das pessoas nelas envolvida. Durante a pandemia foi muito evidente como a escola e a comunidade caminharam e caminham juntos, os conhecimentos ali compartilhados perpassam os muros da escola, promovendo uma educação carregada de identidade cultural.

Nesse contexto comunitário, o que sobressaiu em meio a todas as problemáticas que se apresentaram no decorrer desse processo, foi a capacidade admirável do Povo Pataxó em resistir, em especial na Aldeia pataxó de Coroa Vermelha, visto que as lutas não cessam de vir, mas o povo pataxó não cessa de continuar lutando com muita garra pelos seus direitos e bem-estar de sua comunidade.

Por isso, por meio desta pesquisa, almejou-se valorizar as os esforços incansáveis de toda equipe escolar da minha comunidade, evidenciando-a para o Mundo.

Em conclusão, este estudo contribui para o registro dos desafios enfrentados pela educação escolar indígena durante a pandemia de COVID-19 e para a reflexão sobre estratégias de enfrentamento desses desafios. Espera-se que este trabalho possa

contribuir para a melhoria da qualidade do ensino escolar indígena, valorizando as vivências e experiências adquiridas durante o período pandêmico, a cultura e tradição do povo Pataxó, bem como seu exemplo de união.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APIB. Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. **Panorama geral da COVID-19**. APIB, 2022. Disponível em: <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/>.

BARBOSA, M. F. Os desafios do ensino remoto na educação escolar indígena. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, e218026, 2021.

BOMFIM, D. C. **Reflorestando SABERES INDÍGENAS nas escolas**. Santa Cruz Cabralia: Material de apoio para o trabalho pedagógico com a Lei 11.645/2008, 2021. Mapa ilustrativo das Aldeias Pataxó – Extremo Sul da Bahia, elaborado por Karkajú Pataxó (2020).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, de 10 de dezembro de 2020**. Dispõe sobre a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia de COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Educação escolar indígena: subsídios para construção de uma política**. Brasília, DF: MEC, SECADI, 2015.

BRASIL. **Ministério da Saúde. COVID-19: manejo clínico**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021.

DE LIMA, E. J. Os desafios enfrentados pelos professores indígenas durante a pandemia de COVID - 19. **Revista Contexto Geográfico**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 47–56, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/contextogeografico/article/view/13227>. Acesso em: 26 abr. 2023. <https://www.seer.ufal.br/index.php/contextogeografico/article/view/13227>

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica 2020**. Brasília: INEP, 2020.

OLIVEIRA, M. L. de. Desafios da Educação Escolar Indígena no Brasil: reflexões sobre o papel do professor. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 29, n. 54, p. 123-133, 2020.

PAIVA, E. B. **Narrativas indígenas: construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação**. 2013. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 13.639, de 26 de março de 2018. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e nº 11.645, de 10 de março de 2008, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 mar. 2018.

SOUZA, J. A. G. A educação escolar indígena em tempos de pandemia: desafios e perspectivas. **Revista Inovação, Projetos e Tecnologias**, v. 8, n. 1, p. 25-32, 2021.

UNESCO. Declaração e Plano de Ação de Brasília. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001877/187776por.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2023.